

A EXPANSÃO DO ATELIÊ EM AÇÕES EDUCATIVAS E COLABORATIVAS EM SERIGRAFIA

BRUNA LOPES SILVA¹; MARCIA REGINA PEREIRA DE SOUSA²

¹*Universidade Federal de Pelotas* – silvabrunalopesart@gmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas* – marcia.sousa.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O princípio básico da gravura está na possibilidade de reproduzir uma imagem, em maior ou menor escala, como se objetiva na comunicação de uma ideia. No âmbito das artes gráficas a serigrafia se caracteriza como técnica de impressão manual que segue o princípio do estêncil, surgido por volta de 1500 a.c. As técnicas originárias da serigrafia foram aprimoradas ao longo dos séculos por vários povos da Ásia e da Europa na produção de estamparia. Segundo FARIA (2009), o maior desenvolvimento técnico da serigrafia se deu ao longo do século XX.

O presente texto discorre acerca de aspectos motivadores e práticos de uma oficina de serigrafia realizada em julho de 2016 no pátio do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, durante o período da ocupação dos alunos da UFPel nos prédios do Instituto de Ciências Humanas, Centro de Artes e Tablado. A oficina integra o projeto de ensino “Ensinar e aprender no atelier de gravura da UFPel” proposta diante da possibilidade de aliar minha atuação como bolsista de iniciação à docência junto aos professores de gravura do Centro de Artes com a possibilidade de geração de experiências educativas abertas e colaborativas em espaços externos aos ateliês.

A proposta tem por objetivo o compartilhamento do conhecimento gerado na universidade por meio de uma ação educativa dialética, que fomentasse atitudes como a coletividade e a colaboração criativa. Esta foi baseada em uma técnica alternativa de serigrafia que prescinde de sala escura, bem como de equipamentos e de agentes químicos: a *matriz de recorte*. Essa técnica possibilita que matrizes serigráficas sejam realizadas fora do ateliê, e pode ter caráter de comunicação e manifestação política.

Assim sendo, a ação ativou signos do ateliê, como a tela, o rodo, a tinta, a espátula, em ambiente externo, na esfera de comunidades recentemente destacadas por seu posicionamento político, representadas por estudantes do ensino superior de Pelotas, mobilizados por questões prementes em âmbito tanto local quanto nacional.

2. METODOLOGIA

Isso posto, a pesquisa se deu acerca da prática experimental de uma variante de serigrafia, estudada a partir de manuais técnicos e orientação da professora coordenadora do projeto. O método desenvolvido na oficina consistiu na confecção de uma *matriz de recorte* com fragmentos de papel adesivo recortado com tesoura ou estilete, os quais são destacados e aplicados sobre a tela de tecido tensionado em um marco pré-preparado. Esses recortes de papel vedam a tela, fazendo as vezes da tradicional emulsão serigráfica sensibilizada, e possibilitam a impressão da imagem em negativo.

O processo de trabalho desdobrou-se em seis etapas, que foram executadas no período de 4 horas de oficina:

1. Introdução histórica e conceitual acerca da prática da serigrafia;
2. Demonstração rápida de confecção da matriz e impressão de tela tradicional;
3. Proposição colaborativa de confecção de matrizes de recorte tendo em vista o contexto político atual;
4. Elaboração do projeto imagético dos participantes, com orientações individuais acerca do manuseio da ferramenta de corte e outros procedimentos técnicos;
5. Preparo da tela e execução das colagens;
6. Impressão coletiva das telas e diálogo acerca das experimentações e resultados alcançados;

A mediação com os participantes da oficina ocorreu de maneira interativa, de modo que a experimentação das etapas práticas se deu naturalmente, algumas imagens do processo de trabalho podem vistas abaixo (Fig. 1 e 2). Os textos produzidos em termos colaborativos foram os seguintes: *Falta representatividade; Pátria livre. Democracia; Foco, força e fé*



Figura 1: Ocupação de superfície externa como secadora para impressões. Figura 2: Relação dialógica dos participantes da oficina. Fotos: Maria Silva.

1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, no que tange ao contexto das Artes Visuais, a serigrafia segue sendo bastante utilizada como recurso de produção, multiplicação e circulação de textos e imagens. Essa realidade contrapõe-se aos contextos industrial e comercial, nos quais as técnicas serigráficas têm se tornado paulatinamente obsoletas, diante do surgimento de processos como o *offset*, a sublimação, a impressão digital, entre outros.

Diante desse cenário realizei a escolha de um procedimento bastante simples, mas que ao mesmo tempo possibilita a difusão de ideias em circuitos alternativos e espaços não institucionais, o que amplia o alcance da ação e evidencia conceitos como democracia e liberdade. As técnicas serigráficas podem proliferar para outros meios de circulação, com a produção de cartazes, panfletos, estamparia, já que possibilitam grandes edições, por meio do manuseio de materiais simples.

Outras questões motivadoras na proposição dessa oficina foram a ampliação do acesso aos meios técnicos, o barateamento da produção e a redução de impacto ambiental. Assim sendo, a tela serigráfica quando utilizada na elaboração da *matriz de recorte* pode ser reaproveitada indefinidamente, considerando-se que o papel adesivo pode ser retirado e a tela limpa apenas com água e sabão. Além disso, as tintas utilizadas na oficina são também dissolvidas em água. Como sugere RUSS (1974),

A instalação não precisa ser cara. A serigrafia é o único método importante de impressão que não necessita de prensa; todas as peças e ferramentas podem ser fabricadas em casa e os diagramas e textos de autor mostram como fazê-lo.¹

Outra questão fundamental presente na origem da proposta de oficina foi libertar a prática da serigrafia do espaço do ateliê e aproximá-la de públicos diversos. Outras práticas artísticas contemporâneas seguem na mesma direção. Cito aqui a proposição da artista Monica Schoenacke, a *Sericleta*, uma unidade móvel de impressão de serigrafia desenvolvida para uma ação no Centro Cultural São Paulo.

Assim sendo, a oficina propôs a expansão do ateliê numa proposição educativa e colaborativa que possibilitou o alcance de um público maior e mais amplo ao pensamento das artes gráficas, visto que “O princípio básico da gravura estava lá, as ferramentas foram improvisadas e adaptadas às circunstâncias” (ADAIR; CARRARA, 2000).

Portanto, a prática da serigrafia possibilitou o empoderamento expressivo dos sujeitos, que por meio da ação educativa adquirem o conceito de um meio de expressão alternativo que foi mediou a criatividade poética da comunidade em que se inseriu.

3. CONCLUSÕES

¹ Tradução minha;

O protagonismo discente na construção do conhecimento em ações de compartilhamento dentro da Universidade mostrou-se possível durante os meses de junho e julho de 2016, provando-se efetiva a realização de oficinas e de produção poético-cultural enquanto possibilidade de resistência no corpo social, na contextualização e na conscientização de pautas locais e nacionais. Como registra Paulo Freire (2001),

Crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras grávidas de mundo. Palavras e temas. Assim compreendida e posta em prática, a Educação Popular pode ser socialmente percebida como facilitadora da compreensão científica que grupos e movimentos podem e devem ter acerca de suas experiências.

Os recursos técnicos foram aqui adaptados à prática da Educação Popular², proporcionando o contato da comunidade com a possibilidade de criação autônoma de objetos gráficos de baixo custo. Por meio da ferramenta técnica aliada à expressividade dos participantes da oficina, o conteúdo gráfico produzido refletiu o imaginário e a crítica que desejaram construir.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS

- ADAIR, F; CARRARA, A.R. (Coord.) Recursos educativos em Artes: Gravura: Caderno do Professor. SP: Itaú Cultural, 2000. Evento **Investigações: A Gravura Brasileira / Eixo Curatorial 2000**. Acessado em 29 jul. 2016. Online. Disponível em: www.itaucultural.org.br/experiencias_educacionais/gravuraPDF/caderno_gravura.pdf
- FARIAS, B. **Reflexões e práticas da Serigrafia em sala de aula**. 2009. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- RUSS, S. **Tratado de Serigrafia artística**. Barcelona, Espanha: Blume, 1974.
- SCHOENACKER, M. **Impressões Periódicas**. São Paulo: CCSP, 2013. Acessado em 29 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/mediacao_em_arte_impressoes_periodicas.pdf

²A teoria da Educação Popular, metodologicamente proposta por Paulo Freire, visa métodos de construção do saber que partam dos conhecimentos coletivos da comunidade em que se insere, possibilitando maior relação de pertencimento aos educandos.